

Grande fábula

Great Fable

IVONE DARÉ RABELLO *

EDU TERUKI OTSUKA **

É extraordinária a força de revelação de *Rituais de sofrimento*, de Silvia Viana (São Paulo: Boitempo, 2012). Indo muito além do que já se tornou lugar comum nas análises de *reality shows*, a saber, o impulso exibicionista de seus participantes ou ainda a ânsia voyeurista dos espectadores, a autora aciona um deslocamento de ponto de vista que permite compreender nos “espetáculos da realidade” a exposição crua, na cena simbólica, de aspectos centrais da sociedade contemporânea. O que se pode apreender da análise contundente dos mecanismos invariáveis dos *realities*, com todas as variações aparentes que podem comportar, é que o jogo, com suas situações totalmente arbitrárias e artificiais, é regido pela lógica real do mundo do trabalho no capitalismo de nosso tempo: empreendedorismo, pró-atividade, flexibilização, compromisso a qualquer preço para se manter no jogo, a despeito de todos saberem que, ao final, espregueira a ameaça da aniquilação. Enfim, *o bicho vai pegar*.

Com a mobilidade do ensaísta, Silvia Viana estabelece relações inesperadas entre âmbitos de conhecimentos distantes uns dos outros, surpreendendo-nos no ritmo vertiginoso de sua prosa, que alia talento literário a domínio de sociologia contemporânea, análise crítica da sociedade capitalista, história

* Universidade de São Paulo (USP).

** Universidade de São Paulo (USP).

recente que a constituiu e, também, da literatura que se ocupou do sujeito subjugado às regras do mundo opaco. Tudo isso com uma linguagem que se move contra as fórmulas vazias da produtividade acadêmica e não hesita em trazer para dentro da análise a própria experiência, em que conhecimentos e afetos não se apartam. O resultado excepcional dessa escrita cujo sofrimento não teme mostrar-se é o convite à leitura com nó na garganta.

Composto contra as fórmulas organizativas dos *reality shows*, *Rituais de sofrimento* se inicia com o relato de uma “pegadinha” cruel perpetrada contra companheiros de trabalho, exaustos de uma jornada quase insana. No conjunto, o livro responde às razões pelas quais brutalidades como essa não apenas podem ser exibidas para diversão, mas se constituem como a regra de ouro do entretenimento. Muito mais do que descrever o que são esses shows de horrores, ou quais são suas regras, jogadores e provas, bem como o significado de “pedir para sair”, Silvia Viana analisa a lógica não evidente que os organiza. Nos cinco capítulos, a autora relata algumas das situações que se multiplicam até a náusea nos *reality shows*, delatando, sem meias palavras, as múltiplas formas da violência contra o outro e contra si mesmo que se põem à mostra. Mas o faz para examinar o conjunto dos princípios que estruturam os *reality shows*, nos quais os ritos invariáveis são a seleção para a eliminação; ações ou inações sem utilidade; humilhações, glórias, sofrimentos cujo significado se anula num piscar de olhos, ou melhor, até a inevitável opressão seguinte. Nenhum pudor em exibir a violência, que se mostra em quase todos os seus matizes, por vezes até uma quase morte, física ou psíquica, como atestam as chamadas para um desafio assustador ou para a permanência em condições à Guantánamo. O desfile das barbaridades não para, nas páginas em que se contam episódios de *Big Brother Brasil*, *O Aprendiz*, *A Fazenda*, *Hell's Kitchen* entre outras preciosidades do mercado cultural em que um formato vazio foi disseminado por vários países, exigindo-se apenas que suas três ideias-base se mantenham: confinamento, vigilância, eliminação.

O que mostra Silvia Viana é que esse formato vazio, explorado pelo mercado, longe de ser irrelevante, é, de fato, a transposição de uma forma social. Esse o grande achado da autora, que conseguiu apreender nos *reality shows* a lógica das relações de trabalho no capitalismo contemporâneo. A vida se torna inteiramente disponível para a produção; o trabalho é realizado pelo consumidor; os trabalhadores vão aonde o capital os chama; a insegurança

e o medo são os princípios imutáveis. Para quem está sempre à beira do “paredão”, a jornada total e a flexibilização, a pró-atividade e o empreendedorismo, a disposição permanente à eliminação do outro são recursos para as tentativas de autopreservação. A incorporação da mobilização criativa, o incentivo à “autonomia do capital humano”, são instrumentos para sujeitar os trabalhadores ao mundo existente, cuja verdade fica exposta nos “espetáculos da realidade”: o roteiro do sofrimento diário é composto pelos *brothers* que, lutando por não serem eliminados, anseiam por migalhas de sucesso ilusório. Na rinha e fora dela, o que se entrevê nas etapas do trabalho – seleção e eliminação – é a guerra permanente entre iguais.

Silvia Viana nos conduz com Kafka, Beckett e Primo Levi a confrontar, com distanciamento, o mundo ritualizado dos *reality shows*, quando os homens, sem saber o sentido nem as consequências do que tem de ser feito, fazem-no assim mesmo. Como na “Pequena fábula”, de Kafka, em que o rato, compelido a correr desde que nasceu (para seu *curriculum vitae?*), encontra-se sem escapatória frente à convergência de longas paredes, ao final das quais vê a ratoeira rumo a que seu corpo se lança. Só então se ouve a voz, até então fora da cena: “– Você só precisa mudar de direção, disse o gato e devorou-o”. Também aqui, em *Rituais de sofrimento*, os ratos dos “espetáculos da realidade”, em sua atividade incessante, encontram a ratoeira ou o gato. A não ser que, contrariando todas as regras, interrompam a corrida e simplesmente saiam do jogo. Como a moça que, só uma, resolveu ser uma só, e que paira, como esperança, ao final deste magnífico livro.